

Mulan de hoje

A produtora de conteúdo digital Camila Sawamura, 28 anos, explica que as situações de preconceito e estereótipos que viveu por conta de sua ascendência asiática fizeram com que ela encontrasse na maquiagem uma forma de expressão, construção de identidade e amor-próprio. “Gosto de beleza desde criança. Lembro de colecionar maquiagens e folhear revistas e catálogos, mas como muitas brasileiras-asiáticas, cresci sem referências na mídia. Também escutava que maquiagem olhos tidos como orientais era difícil, e isso me frustrava. Hoje, entendo melhor que temos falta de representatividade amarela”, explica Camila.

Para ela, essa defasagem acaba aumentando os estereótipos sobre quem tem ascendência leste-asiática e fortalecendo padrões estéticos brancos. Nesse contexto, os traços da etnia são considerados como exóticos ou, até mesmo, errados.

Em seu perfil no Instagram (@camilasawamura), a moça procura, além de gerar conteúdo de moda e beleza, levantar debates raciais. Com a pandemia da covid-19, por exemplo, pessoas com ascendência asiática foram alvo de diversos ataques preconceituosos, algo que Camila vivenciou na pele. “No começo do ano passado, me mandaram mensagens extremamente xenofóbicas e violentas. Nesses casos, eu tento trazer isso à tona de uma forma leve e politizada para educar o próximo e fazê-lo sair da sua bolha social”, pontua.

“Espero continuar recebendo oportunidades que expliquem não apenas minha herança nipo-brasileira, mas meu trabalho e o que represento como criativa”, completa a influenciadora, que afirma receber diversos depoimentos de mulheres e meninas asiáticas-brasileiras que se sentem representadas por ela. “O que mais me marcou foi o de uma menina que disse que eu era a Mulan dela”.

Do preconceito à liberdade

A brasileira Larissa Sampaio Lima, 19, escondeu o vitiligo por 13 anos antes de se tornar uma modelo nacionalmente conhecida. A jovem, que já participou de programas de tv, não imaginava que chegaria tão longe, por acreditar que a doença de pele a limitaria de alguma forma.

Ainda que sua autoestima não fosse alta, por causa das manchinhas, Larissa aceitou o convite para posar em um ensaio fotográfico e o resultado fez com que ela se enxergasse de outra forma. “Quando recebi as fotos, fiquei completamente apaixonada, nunca tinha visto essa beleza que eu consegui ver em mim nesse dia. A partir daí, nasceu a Larissa que queria ajudar outras pessoas com aceitação”, lembra.

Arquivo Pessoal



“Gosto de beleza desde criança. Lembro de colecionar maquiagens e folhear revistas e catálogos, mas como muitas brasileiras-asiáticas, cresci sem referências na mídia. Também escutava que maquiagem olhos tidos como orientais era difícil, e isso me frustrava. Hoje, entendo melhor que temos falta de representatividade amarela”

Camila Sawamura